

O PAPEL DA LEITURA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL DOCENTE

Kézia Claudino Lopes (Bolsista IC- PROVIC/UECE)
Maria Daniele Ribeiro Parente (Bolsista IC- PROVIC/UECE)
Francisca Michele de Araújo Costa (Graduanda/UECE)

RESUMO

A investigação, ora proposta, reflete o papel da leitura na construção da identidade profissional docente. Trata-se do recorte de uma pesquisa mais ampla desenvolvida no âmbito do grupo de estudos PERFORMA, junto a alunos do Curso de Pedagogia em uma Universidade Cearense. Fundamenta-se na idéia de que a leitura contribui expressivamente na formação da identidade do professor. Tem-se como pressuposto a importância desse hábito para os estudos universitários, o que lhes garante as bases teóricas de sua formação profissional e o fortalece. Insere-se na vertente da pesquisa qualitativa na qual se utiliza a técnica de grupo focal para a coleta de dados, oportunizando aos discentes descreverem suas experiências, associando-as aos textos estudados e às suas percepções e sentimentos evidenciados no decorrer da experiência. Entre os resultados preliminares, constatou-se que o exercício da leitura é necessário aos discentes, pois é uma prática essencial para efetivar sua participação nas discussões realizadas na sala de aula. Desta maneira, eles ampliam a sua percepção mediante os debates, gerando a possibilidade de ressignificar a sua identidade profissional através de um olhar observador, crítico, inquiridor e reflexivo.

Palavras- chave: Formação; Identidade Profissional; Leitura.

Introdução

A formação docente, atualmente, passa por um constante debate acerca de suas contribuições, deficiências e atribuições. Pensando nesses processos, pretendemos discutir como a leitura exerce seu papel no caminho, na construção da identidade profissional do professor. Partimos do pressuposto de que a leitura é um dos aspectos determinantes para a construção de qualquer conhecimento, pois mesmo que os indivíduos conheçam uma temática partindo do seu cotidiano este em algum momento recorre a um escrito para fundamentar esse saber, transformando em conhecimento.

Podemos dizer que ler é um processo no qual o leitor interage com o texto na busca de um determinado objetivo. A leitura pode ser aplicada a diversos aspectos da vida e pode ter várias finalidades. Dependendo do objetivo que o leitor deseja atingir, lendo determinado texto, seus enfoques serão diferentes bem como os significados construídos acerca do texto.

1. Breve histórico sobre a leitura

A análise histórica do ato da leitura nos encaminha para a constatação de que era vista como um ato religioso e destacava-se na modalidade oral até o século XVIII. Ela era feita de forma mecânica e não se dava importância à compreensão. A partir de então, houve uma mudança nessa concepção. A leitura passou da modalidade oral para a silenciosa, na qual o leitor interiorizava o conteúdo e atribuía-lhe significados. Para Solé (2003, p.20) essa passagem representou um salto qualitativo importante, pois faz da leitura uma experiência intelectual, individual e interna. Isso nos leva a pensar que essa mudança nas formas de leitura muda também os seus objetivos e nos faz ir além dos discursos antigos sobre práticas atuais de leitura.

Farias (2009, p. 49) ressalta três momentos relevantes na história das leituras:

O primeiro refere-se às verbações advindas das mudanças nas funções e empregos nas leituras, ocorridas mais precisamente desde o século XVIII. O segundo, relacionado ao reaparecimento, nos anos 1950, das pesquisas em torno dos processos cognitivos, refletindo uma mudança paradigmática na forma de conceber a leitura. E o terceiro vinculado à inserção dos novos conhecimentos da linguística no contexto escolar.

Tendo como base esses três momentos acima referidos, é possível identificar as concepções de leitura construídas ao longo dos tempos. Na primeira todo o conteúdo da mensagem parte do texto, ou seja, o texto tem o sentido completo e absoluto cabendo ao leitor extraí-lo. Na segunda concepção cabe ao leitor construir todo o sentido do texto. Na terceira, há uma interação da mensagem que o texto traz com o leitor e suas concepções já existentes.

1.1 O sentido do texto

Tomando como referência a França, no final do século XIX e início do século XX, podemos destacar uma mudança no campo da educação. À medida que crescia a intervenção do Estado na educação, esta mudava suas características passando de uma educação religiosa, que era oferecida pela Igreja, para uma educação moral e cívica que passa a ser oferecida pelo Estado. A partir daí a forma de instrução e de ensino da leitura foi se revestindo de novas características, das quais deixavam de instruir as pessoas voltadas para a moral e os bons costumes e instruía-se para desenvolver apreço por obras literárias. A escola acompanhava essas mudanças e ia adequando seus métodos de ensino.

Esse fato citado é considerado relevante, pois configurou as formas de leitura propostas pela escola até os anos 60. A leitura, juntamente com a escrita, era colocada para as crianças como ponto de partida, sendo assim um requisito básico para novos conhecimentos.

O aprendizado da leitura deveria se dar então de forma que, primeiro a criança aprendesse a decodificar (decifrar códigos) e só depois, que já tivesse “prática”, ela passava para a compreensão do que lesse. Ainda dentro da questão da prática da leitura, esse momento era dividido em duas etapas. A primeira diz respeito à decifração de códigos. Depois que o aluno soubesse ler ele passaria para a leitura corrente, o que se constituiria no segundo momento.

A partir do momento que o aluno se apropria da leitura, a atenção volta-se para a leitura pública e em voz alta. Segundo FARIAS *apud* CHARTIER, essa característica vem da burguesia urbana que costumava transformar essa leitura pública em um ato de recitação que tratava a leitura como uma arte. À medida que isso ia acontecendo no meio social, a escola internalizava esse método de leitura, por assim formar leitores com essa mesma habilidade. A esse tipo de leitura, que caracterizava o perfil da época, atribuiu-se o nome de leitura expressiva.

Partindo para outro momento da história, gostaria de trazer a atenção a outro método de leitura do passado que remete a perspectiva da leitura com o sentido centrado no texto. A leitura explicada veio em seguida tomando lugar da expressiva, sendo que essa primeira era destinada a pessoas com maiores graus de instrução.

Essa técnica consistia em extrair do texto o seu sentido próprio e expressá-lo muitas vezes por meio de escritos. Dessa forma, acredita-se que o leitor analise o assunto e tire dele nada mais do que o seu sentido. O leitor não poderia acrescentar seus pensamentos à mensagem do texto, o que o tornaria um leitor habilidoso e perspicaz. Isso reforça mais ainda a hipótese corrente na época de que o texto já tem seu sentido completo, sendo desnecessária a intervenção do leitor.

1.2 O sentido que o leitor dá ao texto

Na década de 70, a ideia de que o texto tinha o seu sentido completo já não satisfazia o que era colocado pela Modernidade. Conforme aponta ISER, *apud* FARIAS,

2009, surge a necessidade de interromper o pensamento que antes dominava sobre a literatura. Não vigora mais a ideia de harmonia que antes o texto passava. Na verdade, o que vem a ser importante agora é o efeito que aquele determinado texto terá sobre o leitor e não o que ele quer dizer para o leitor.

Dessa forma, a Teoria da Recepção citada por Farias (2009, p.57) mostra que a leitura representa uma situação comunicativa, onde numa ponta se encontra o texto e na outra o leitor. Assim, o sentido do texto só se efetiva quando este é construído pelo leitor.

Convém ressaltarmos a influência dos modelos psicolinguísticos para essa concepção de leitura. Os idealizadores desse modelo afirmam que a leitura é o resultado da interação do pensamento com a linguagem. Nesse aspecto, FARIAS (2009, p.58) aponta que o propósito da leitura é a compreensão e essa passa a ser entendida como a reconstrução do sentido da mensagem escrita, não mais na perspectiva do texto, mas na do leitor. Esse fato deve-se a existência de dois fatores presentes no modelo psicolinguístico. São esses os conhecimentos linguísticos do leitor e as estratégias cognitivas utilizadas no processamento da mensagem.

Apesar das mudanças na forma de se conceber a leitura, a teoria psicolinguística ainda se constituiu muito vaga em relação às concepções de leitura. Sentia-se a necessidade de levar em consideração não só o que o texto dizia ou o que somente o autor poderia concluir, mas considerar a leitura como interação desses dois.

2. A leitura na perspectiva de Paulo Freire

Para Freire (2001, p.29) o ato de ler não é puro entretenimento nem tampouco um exercício de memorização mecânica de certos trechos do texto. Na verdade, o ato da leitura está repleto de significados que fazem da leitura uma prática prazerosa. Por esta razão, ler constitui-se um ato de inteligência, que possa vir a ser difícil e exigente, porém gratificante. Ler é saber que a cada parágrafo, texto ou palavra lida o leitor irá encontrar um novo saber, um novo desafio, ou até mesmo peças fundamentais para mudanças de pensamento.

Para que a leitura de um determinado texto resulte em uma possível mudança de pensamento, é necessário que o sentido desse texto seja interiorizado pelo leitor. Para que um texto tenha um real significado é necessário que o leitor não apenas leia, mas compreenda o

que está sendo dito. Em relação à compreensão, Freire (2008, p.11) faz referência à compreensão crítica do ato de ler, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita, mas que antecipa e se alonga na inteligência do mundo. Dentro desta perspectiva, a leitura é vista e entendida como a interação do texto com o leitor, na qual essa fusão constrói um significado.

Como poderá o leitor atribuir significado ou pensamento crítico a uma coisa que ele nem mesmo entendeu? Daí a necessidade de compreensão do que está sendo lido. Segundo Freire (1992, p.11), a compreensão nasce da relação entre o texto e o contexto. Dessa forma, tem que ser levado em consideração o universo do leitor, suas concepções e seus interesses, que juntamente com o texto passam a construir um significado para aquele leitor. Trazendo para prática, como é visto essa perspectiva de compreensão dentro do contexto acadêmico?

1.3 A leitura no âmbito da Formação do Professor

Podemos explicar os diferentes pontos de vista de alguns acerca de um mesmo texto. Muitas vezes o que parece simples ou interessante para alguns pode parecer complexo ou insignificante para outros. Relativo ao interesse do leitor mediante o assunto do texto Martins (1986, p. 9), coloca que:

Com frequência nos contentamos, por economia ou preguiça, em ler superficialmente, “passar os olhos”, como se diz. Não acrescentamos ao ato de ler algo mais de nós além do gesto mecânico de decifrar sinais. Sobretudo se esses sinais não se ligam de imediato a uma experiência, uma fantasia, uma necessidade nossa. Reagimos assim ao que não nos interessa no momento. Daí temos a necessidade ignorá-los ou rejeitá-los como nada tendo a ver com a gente. Se texto é visual ficamos cegos a ele, ainda que os nossos olhos continuem a fixar os sinais gráficos, as imagens. Quer dizer: não o lemos, não o compreendemos, é impossível dar-lhe sentido porque ele diz muito pouco ou nada para nós.

Partindo do pressuposto colocado acima, percebemos que muitas vezes o desinteresse ou a leitura mecânica deve-se ao que é colocado para o leitor. Ainda que o leitor continue a ler algo que não lhe interessa ele fará isso de forma mecânica, pois só a partir do seu interesse e do que ele sabe sobre o assunto poderá construir um significado. Pode ser que um indivíduo leia todas as páginas de um livro, mas se ele não atribuir a essa leitura significados, esse ato não o ajudará a extrair bases para a construção de um ideal sólido acerca daquele assunto.

As leituras realizadas na universidade partem de varias dimensões: a grade de disciplinas que a universidade oferece, os autores que os professores defendem e suas impressões pessoais acerca dos conteúdos que serão trabalhados em sala de aula. O discente recebe essa carga de informação e é avaliado de maneira a demonstrar o que aprendeu, através de varias modalidades como seminários, artigos, resumos, análises críticas, e essas construções nascem através de leituras realizadas dos assuntos expostos. A partir do depoimento de um dos participantes pesquisados pelo Grupo Focal podemos perceber como estes concebem essas leituras para a formação de sua identidade profissional:

- Ele mandava a gente ler, ele chegava, ele não chegava assim pra, pois é agora vamos ver o que a gente estudou. Ele queria que nós questionássemos o que a gente leu sabe que a partir da leitura surgem as dúvidas e as curiosidades, então ele chegava estou aqui não é pra tipo vocês serem apenas um depósito eu ficar jogando as informações. Eu quero que vocês agora comecem a fazer perguntas? Surgem as dúvidas e comece tipo a formular novas ideias através daquilo que a gente leu, então, eu achei bem diferente a forma de trabalhar a leitura que ele fez com a gente.

Uma pessoa entra em um curso universitário com um ideal de profissão em mente. Ao longo de sua vida acadêmica vai perpassando vários caminhos e traçando objetivos para depois de sua formação inicial. Dessa maneira, as leituras realizadas em uma disciplina ou as ideias defendidas por um livro indicado pelo professor vão se moldando às concepções que esse estudante traz para a construção de sua identidade. Verificamos isso na seguinte fala:

- Tem muitos professores que chegam aí começa a ler o texto que a gente já leu de novo apresentar no slide o mesmo texto que é uma xerox, e bota no slide e ler tudo de novo e aí a gente fica só lá sentado assistindo, não tem aquela, aquele crescimento na leitura como ele fazia que, borá vamos começar aqui. Qual foi a dúvida e tal? Se vocês não tão querendo estudar vocês querem que eu só leia o texto, eu vou sentar aqui e vou ler pra vocês. Mais ele fazia isso a questão da didática de perguntar aconteceu isso, debater em equipe o que outros professores além de ser Xerox ainda pegam o mesmo texto vão trabalhar o mesmo texto de novo dentro da sala de aula, aí que prejudica mesmo a nossa formação a gente fica acostumado só a receber.

Partindo das concepções citadas pelos sujeitos da pesquisa podemos perceber que estes acreditam na importância do professor no que tange as leituras a serem trabalhadas. Eles colocam que a forma que o professor apresenta-lhes o texto contribui ou atrapalha para a construção do conhecimento proposto. Dessa maneira, o mestre tem a responsabilidade, na visão deles, de indicar as melhores leituras a serem realizadas.

1.4 Os tipos de Leitura vivenciados na Graduação

Sabemos que a informação, na atualidade, chega com uma rapidez absoluta em nossas vidas e na academia não seria diferente. Com a popularização da internet os livros de papel agora chegam às nossas mãos em segundo plano. A internet nos dá muita informação de maneira simples e rápida, o intercambio de impressões é muito rápido e por vezes até nos confunde. Os docentes da academia, como sabemos, vivem em constante pesquisa e atualizando seus conhecimentos de maneira que disponibilizam para os alunos varias formas de absorver o conhecimento construído ao longo da trajetória de cada um. Podemos enumerar os vários tipos de leituras que os discentes têm acesso: livros na íntegra, artigos de revistas, textos da internet, textos extraídos de xerox. Considerando os depoimentos os sujeitos afirmam que:

- Assim a disciplina de História, o professor passou vários livros e ele dividiu as equipes cada equipe de tipo seis alunos ficava com um livro então a gente tinha que ler todo o livro e apresentar as idéias centrais do livro, ah esse livro falou sobre a História da Educação no Brasil e tal, falava do livro então a gente se juntou pra comprar o livro todas as equipes compraram o livro se dividiram compraram o livro mais até agora foi o único que trabalhou ele fez a apostila dele lá de Xerox mais trabalhou também o livro foi o único não houve resistência por que o trabalho valia nota então o pessoal ou fazia ou fazia.

Partindo da realidade da maioria dos estudantes do nosso país, percebemos que o alcance das camadas menos favorecidas à universidade aumentou de proporção. Hoje pessoas menos abastadas tem a oportunidade de adentrar aos muros da universidade. Citando a realidade do nosso curso, podemos perceber que em sua maioria é composto por pessoas mais simples. Para compor uma disciplina um professor parte de vários referenciais teóricos. Por muitas vezes ele se utiliza de seis a oito livros para compor sua bibliografia, visto que se há uma cultura na maioria das universidades de xerox, por conta do poder aquisitivo de nossos alunos ou mesmo uma cultura construída e arrastada por vários anos, a maioria dos estudantes compõem os seus estudos através de textos fragmentados de capítulos de livros. Os sujeitos declaram que:

- É acho que a maioria sim, pelo o que eu percebo, acha ruim passar o tempo todinho só nas Xerox e tal isso é muito fragmentado, mais acontece, tem que gente que ta aqui só por tá né, ou então fazer alguma coisa pra não reprovar.

- E o que acontece também com esse negocio de Xerox e que acaba lendo só uma parte do livro né aí você tem tipo a apostila da disciplina que são pedaços de livros.

Os textos xerocopiados trazem superficialmente temas importantes, de forma fácil, porém enganosa, pois as discussões possíveis da leitura se fundamentam apenas na referência que o texto traz, sem dar importância à verdadeira ideia que o autor quis dizer. Além do que, muitas obras possuem partes complementares que dá fidelidade à obra, e em apostilas ou textos xerocados de forma livre tais partes são descartadas, nem as referências bibliográficas são exposta para os alunos, dificultando sua compreensão tornando-o dependente de um pequeno texto, limitando a construção do seu conhecimento.

Vale salientar que tais textos trazem informações fragmentadas, onde muitos estão fora de conexão com os outros textos, diminuindo a leitura de obras interessantes e de autores clássicos para a formação dos docentes. A leitura de um livro traz conhecimentos não só do que vai ser tratado em sala, mas abre margem para novos conhecimentos e embasa a aprendizagem do aluno, fazendo com que eles, ao discutirem sobre determinado assunto, possam ter como base um autor e seus pensamentos e não um texto, que muitas vezes já vem simplificado e com outras visões não originais.

Considerações finais

O artigo possibilitou que tivéssemos a compreensão da importância da leitura no processo de construção da identidade do professor. Os resultados revelam que os futuros docentes constroem a sua identidade profissional a partir de textos fragmentados, concebendo por vezes ideias incompletas sobre determinados assuntos.

Desta forma as leituras feitas no âmbito acadêmico, que deveriam contribuir para a formação de ideias solidas, acabam por formar pensamentos vagos. Isso infere numa prática escolar fundamentada erroneamente, prejudicando a identidade daquele profissional que ainda esta em construção. E tendo consequências na qualidade da sua regência em sala de aula.

Nessa perspectiva, compreende-se que a partir da leitura de qualidade surgem novas interpretações e visões de diversas temáticas, possibilitando ao futuro professor uma

formação pautada na reflexão da ação docente e embasada por teorias que fundamentam a educação formal no âmbito da sala de aula.

Essa perspectiva colocada acima constitui - se de fundamental importância, pois a prática de um professor é reflexo não só de sua formação, mas de ideais adquiridos com ela. Tais concepções uma vez problematizadas e internalizadas influenciam diretamente no modo de pensar e agir.

Referências Bibliográficas

FARIAS, Monica Façanha. **Atos de leitura:** discursos e práticas na formação superior. Fortaleza: Eduece, 2009.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se complementam. 45 ed. São Paulo: Cortez, 1989.

_____. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 13. ed. São Paulo, Paz e Terra, 1996

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura.** São Paulo: Brasiliense, 2006.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura.** Tradução Pedro Maia Soares. Porto Alegre: Cia das Letras, 2004

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura.** Porto Alegre: Artmed, 1998.